

A INSERÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: A pedagogia cultural em museus como possibilidade profissional¹

Breno Galvão Wanderley Queiroz Filho²
Magda Tuany Queiroz da Silva³
Orientador: Geová Silvério de Paiva Júnior⁴

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre o papel do pedagogo na educação não formal tendo como foco os ambientes museais. Para tal reflexão se exige apresentar o museu como um espaço pedagógico e alternativa profissional ao pedagogo, assim como identificar as possíveis práticas pedagógicas realizadas em ambientes museais, elencando as contribuições desse profissional neste tipo de espaço. Desse modo, este trabalho explanou o universo e as dimensões que constituem a prática pedagógica para além do espaço escolar mostrando que apesar das mudanças ocorridas nos anos 1990 na educação brasileira, os pedagogos ainda se encontram com dificuldades de atuação em outras esferas da educação como a não formal, inclusive por conta de carências de outros modelos de ensino aprendizagem em sua formação. Tal reflexão é subsidiada por um estudo qualitativo de caso no Memorial de Justiça da Cidade do Recife - PE através de observações *in loco* e entrevista semiestruturada com a profissional responsável pelo trabalho pedagógico da instituição. Considera-se, então, que a pedagogia cultural exercida em museus ainda se encontra tímida e pouco sistematizada teórica e empiricamente, contudo, concretiza-se como instrumento de grande importância para aprendizagens significativas fora da escola quando exercida por um profissional bem formado e comprometido.

Palavras-chave: Educação não formal, museus, pedagogia.

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo uma época de transformações profundas no âmbito econômico, político, cultural e científico. Desde a descoberta do fogo, passando pela revolução industrial, nunca a sociedade se modificou tão rápido e em tão pouco tempo. Podemos elencar mudanças tecnológicas na bioenergética, informática e meios de comunicação mediante o fenômeno da globalização que provoca uma mudança estrutural, refletindo no sujeito e seu campo de atuação, modificando para além de suas estruturas cognitivas, o seu

¹ Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação da Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Joaquim Nabuco (UNINABUCO – Campus Recife) no ano de 2016.

² Pedagogo, pelo Centro Universitário Joaquim Nabuco (UNINABUCO – Campus Recife). E-mail: brenogalvaobril@hotmail.com.

³ Pedagoga, especialista em Psicopedagogia clínica e institucional pela FAFIRE-PE. E-mail: tuanyqueiroz@outlook.com.

⁴ Bacharel em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Ensino Superior, atualmente tutor virtual da graduação a distância de Licenciatura em Artes Visuais com ênfase digital da Universidade Federal Rural de Pernambuco, projeto Universidade Aberta do Brasil. E-mail: geova.spj@gmail.com.

papel social e, conseqüentemente, o mercado de trabalho, necessitando coexistir mais do que nunca o saber técnico com a informação.

A pedagogia como ciência é capaz de formar, qualificar e emancipar o sujeito mediante processos educativos, pois possui a capacidade de sistematizar o conteúdo transformando-o em conhecimento conseguindo de forma efetiva atender as demandas atuais de um mundo cada vez mais globalizado.

A elaboração desse artigo aborda a partir da inquietação quanto à identidade, função e importância do pedagogo na sociedade contemporânea. Como profissionais da educação, os autores deste trabalho sentem a necessidade de refletir sobre o universo e as dimensões que constituem a prática pedagógica para além da docência e do espaço escolar formal, perpassando por atuações em estruturas sociais de outra ordem a exemplo dos ambientes museais na esfera da educação não formal.

Assim, se indaga: Qual o papel do pedagogo na educação não formal, mais especificamente, nos museus? Na tentativa de responder a tal questão, poderemos elencar uma série de especificidades e desafios acerca da inserção do pedagogo em espaços não formais. Para tal, a pesquisa que subsidia esse trabalho foi caráter qualitativo e exploratório, tratando-se de um estudo de caso no Museu Memorial de Justiça da cidade do Recife - PE, através da identificação e observação das práticas pedagógicas lá realizadas e de como o profissional responsável por elas percebe seu trabalho neste espaço.

Levando em consideração a perspectiva deste trabalho, se faz necessário resgatar historicamente o papel do pedagogo para a sociedade, especialmente nos ambientes não formais. Conforme Aranha (1989), desde a educação implantada pelos jesuítas até os moldes atuais observa-se que a formação em pedagogia se resume a dois eixos: o técnico instrumentalizado e o da operação metodológica voltada para o espaço escolar formal. Isso leva a crer que, sem a formação necessária voltada para o setor de serviços, por exemplo, o profissional de pedagogia terá dificuldades no desenvolvimento de uma consciência plena de suas possibilidades e competências, desconhecendo o enfrentamento necessário do seu campo profissional para outras esferas além da educação formal, reforçando nele mesmo o estereótipo de que lugar de pedagogo é somente na escola.

Apesar das mudanças curriculares na educação, ocorridas nos anos 90, a grade curricular da maioria das faculdades e universidades do Brasil, não dispõe de disciplinas voltadas para a pedagogia empresarial, hospitalar, social, entre outras, apresentando muitas vezes um horizonte restrito às novas gerações de profissionais da educação dificultando a inserção do futuro profissional em um mercado diversificado e competitivo. Embora outros

setores da sociedade, como recursos humanos ou administrativos considerem a contratação de profissionais e de estagiários em pedagogia, o profissional dificilmente consegue uma atuação relevante, sendo esta, confundida muitas das vezes com a função de assistente social no setor hospitalar, por exemplo, ou no caso de Organizações Não Governamentais (ONGs) com uma educação compensatória⁵.

Desse modo, o presente artigo pretende refletir sobre a prática de um pedagogo em um museu da cidade do Recife - PE dentro do universo da educação não formal apresentando este tipo de espaço como possibilidade profissional, identificando as práticas pedagógicas realizadas e as contribuições desse profissional da educação neste tipo de ambiente.

Sob esta perspectiva, este trabalho tem como objetivo geral: analisar o papel do pedagogo na educação não formal, mais especificamente em ambientes museais. E como desdobramento, pretende-se também apresentar o museu como um espaço pedagógico e possibilidade profissional ao pedagogo, identificar as práticas pedagógicas realizadas nestes espaços e por fim elencar as contribuições do pedagogo aos museus.

METODOLOGIA

A pesquisa que embasa este artigo é exploratória e de natureza qualitativa. De acordo com Goldenberg (apud. GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

O interesse da temática explorada se deu em decorrência de uma reflexão e inquietação quanto à identidade e função do pedagogo na sociedade. Portanto, nos foi de suma importância colocar em destaque, a percepção do valor educativo que a cultura exerce. Assim, o objeto de estudo pelo qual este artigo se debruça são as práticas pedagógicas e a percepção do profissional de pedagogia quanto ao seu exercício em espaços museais,

⁵ Kramer (1982, p.76) define a educação compensatória como “a ênfase que se dava à necessidades não só de assistência médica e dentária, mas também de estimulação cognitiva para que as deficiências das crianças fossem compensadas”.

reforçada pela curiosidade em vista da escassa literatura e referências especializadas sobre o tema em apreciação.

A pesquisa exploratória é aquela que envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que têm experiências práticas com o problema pesquisado e compreensão do caso. Ela é realizada sobre um problema ou questão de pesquisa e tem como objetivo de estudo procurar padrões nas ideias expostas. Logo, de modo a tentar responder as indagações feitas neste trabalho assim como a cumprir com o objetivo geral e os objetivos específicos elaborados, recorre-se ao estudo de caso, pois este método consiste em uma forma de analisar casos específicos. Conforme Yin (2001, p. 25) “o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados”.

A coleta de dados envolveu a observação e entrevista em um aparelho cultural do cenário museológico da cidade do Recife - PE. Segundo Mann (1970 apud. MARCONI; LAKATOS, 1986, p. 68), esse tipo de observação tem como objetivo principal “colocar o observador e o observado ao mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalham dentro do sistema de referência deles”. Além da observação, também foi realizada uma entrevista semiestruturada com o profissional pedagogo no museu campo de estudo deste trabalho.

A entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que consiste em uma entrevista, na qual o entrevistador aborda várias perguntas predefinidas que servem como diretrizes. Contudo, este tipo de entrevista também oferece a liberdade para que o entrevistado possa abordar requisitos que surjam no decorrer da sua fala para além do roteiro, tornando-a flexível e agradável para ambas as partes. Para o nosso estudo de caso, fizemos uma única entrevista realizada com oito perguntas predefinidas, e duas espontâneas voltadas ao entendimento de contextos que abarcassem a vivência e contribuição profissional da pedagoga responsável pelo aparelho cultural lócus de pesquisa. A sua função neste ambiente é de analista pedagógico.

O lócus de pesquisa foi o Museu Memorial da Justiça, localizado no Bairro do Recife Velho, Av. Alfredo Lisboa, Recife – PE. O Memorial da Justiça funciona ao público de segunda a sexta-feira das 13h00 às 17h00. O prédio que antes servia como à antiga estação ferroviária do Brum agora dá lugar ao museu. O memorial é um centro de documentação e pesquisas do judiciário de Pernambuco, abrigando um acervo histórico datado do século XVIII ao século XX com documentos que variam de certidões de nascimento, óbito, testamentos, processos, fotografias, plantas arquitetônicas, entre outros. Ainda possui em suas

dependências uma biblioteca de literatura jurídica especializada.

O espaço oferece uma programação cultural diversificada desenvolvendo um circuito de palestras, ciclos de debates, formação de professores e oficinas, além de atividades pedagógicas realizadas com grupos de visitantes espontâneos e agendadas no espaço expositivo.

O público em geral é composto de pesquisadores, mestrandos, doutorandos, escritores e até de pessoas interessadas em resgatar seu passado ou provar a legitimidade de bens e patrimônios da família. O educativo do museu é responsável por acolher e proporcionar ao público escolar, predominantemente da rede pública, do ensino fundamental final e ensino médio, atividades que promovam o diálogo entre a sociedade e o poder judiciário, ressaltando a importância do memorial e do patrimônio.

REFERENCIAL TEÓRICO

O campo de atuação da pedagogia em espaços não formais

Inicialmente, ao falarmos da pedagogia como um campo de sistematização de saberes e de atuação profissional, convém esclarecer alguns fundamentos sobre o conceito de educação, pois, a transmissão de conhecimento é tão antiga quanto à própria humanidade, embora a educação não existisse como conceito. Os “primitivos”⁶, a partir de cada conquista e entendimento da natureza, intuíram que precisavam compartilhar estas descobertas como forma de garantir sua sobrevivência, então à forma empírica da educação era coletivizada a partir da observação e imitação (não muito diferente da construção cognitiva da criança nos primeiros anos de vida). Esta transmissão, mais tarde, determinou as formas de trabalho, a divisão sexual das atividades, o desenvolvimento da arte, da religião e demais esferas da cultura. Então, podemos entender, em linhas gerais, que o processo educativo é o meio pelo qual hábitos, costumes e valores são transferidos de uma geração para a outra (HAUSER, 1972).

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias, misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação (BRANDÃO, 1985, p. 11).

⁶ A colocação de aspas seria para amenizar a carga pejorativa do termo.

Sendo assim, o que justifica a existência da pedagogia é o fato desse campo ocupar-se do estudo sistemático das práticas educativas que se realizam em sociedade como processos fundamentais da condição humana, e o pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão de saberes (LIBÂNEO, 1999). Essa afirmação contraria a ideia reducionista do senso comum que entende a pedagogia como ensino, ou, o modo de ensinar. Isso ocorre, em parte, devido à própria semântica da palavra, que significa literalmente “conduzir a criança ao preceptor”. Este conceito vai influenciar a sociedade durante séculos, vinculando o profissional da educação ao ensino das séries iniciais.

Nesse sentido, visando entender a situação atual, barreiras atitudinais, avanços no universo da educação e dos cursos de pedagogia assim como a perspectiva vigente no campo profissional brasileiro, mostra-se relevante considerar os aspectos históricos e sociais da área que se confundem com a própria história do país. No período colonial, que vai de 1549 a 1759, segundo Veiga (2007), a educação jesuíta tinha como interesse conter os avanços da reforma protestante no mundo e facilitar a colonização portuguesa, alfabetizando indígenas, colonos e posteriormente os negros escravizados, introduzindo uma educação católica a fim de converter e dizimar culturalmente outros povos em prol da formação de uma nova sociedade. Com a reforma Pombalina de 1759, a educação da alma como assim era chamada, foi substituída por uma educação a serviço do Estado, concomitante com os interesses mercantilistas (FALCON, 1982).

Arruda (1996) nos fala que o espaço entre 1808 e 1822, o qual compreende a chegada da família portuguesa ao Brasil, conseqüentemente a transferência da capital do império e a independência, a preocupação maior era com a educação da elite, só ela tinha acesso ao ensino secundário e superior. O século XX, por sua vez, foi marcado por importantes mudanças sociais e econômicas para o Brasil (VEIGA, 2007). Foi criado o Ministério da Educação e em 1932 emerge o Movimento da Pedagogia Brasileira com o Movimento dos Pioneiros, liderado por Anísio Teixeira, entre outros. Tal movimento propunha uma pedagogia renovada, fundando as teorias da Escola Nova, inspiradas nas ideias de Dewey, que defendia a universalização da escola pública, laica e gratuita. Logo em seguida veio à Pedagogia Progressista que revolucionaria os paradigmas educacionais, propondo um ensino a partir da autonomia e da realidade do educando com destaque para a pedagogia crítico social de Paulo Freire. Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi promulgada passando por adaptações até sua versão final em 1996, garantindo direitos efetivos e legais para a educação e a Pedagogia.

Percebe-se, portanto, através da leitura de Krame (1982), Brandão (1985), Libâneo (1999), Veiga (2007), dentre outros, que no processo histórico da atuação do pedagogo no Brasil, há inexistência de flexibilidade de atuação deste profissional para além dos muros da educação considerada formal. Nota-se que este profissional permanece vinculado somente ao âmbito escolar, não havendo menções de práticas pedagógicas em locais como hospitais, fábricas, espaços culturais. Isto nos faz refletir que a respeito da dificuldade de inserção do pedagogo em áreas não formais da educação, esta é histórica.

A educação brasileira foi intencionalmente precarizada e mal implantada, além de sustentar os interesses da elite e das forças dominantes do país. O histórico de lutas e superações da educação brasileira só agora na contemporaneidade parece mudar. Novas formas de organização e sistematização do ensino acabam por ampliar o campo para os pedagogos oferecendo oportunidades para o exercício de seu trabalho em diversas outras instâncias para além da escola transformando a educação não formal como uma possibilidade profissional.

São com as “recentes” Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação (DCNs), que orientam a prática educativa a nível nacional que a pedagogia ganha maior amplitude. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, em seu Art. 1º, por exemplo, o documento institui que –“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

A ampliação dos espaços educativos para além dos muros da escola é uma realidade incontestável; as novas e complexas formas em que se estabelecem as relações de trabalho estão a demandar novos meios e espaços de formação dos jovens: as consequências sociais decorrentes da internacionalização da economia, entre outros fatores, exigem o repensar do papel da pedagogia, na direção da construção de novas mediações sociais e políticas, com vista a um projeto de futuro digno, às novas gerações (FRANCO, 2008, p. 30).

No que toca a dimensão não formal da educação, não se conhece hoje em dia uma definição única ou consensual, pois ela ainda é objeto de interpretações diferentes de acordo com as diferentes culturas e tradições. Mesmo assim, nas últimas décadas a educação não formal remete aquilo que, no passado, se designava por "educação fora da escola"⁷. Mesmo assim, ainda é preciso considerá-la como complemento ao sistema da educação formal e deve

⁷ Gonh (2001), por exemplo, defende que a educação não formal “é aquela que aborda os processos educativos que ocorrem fora da escola”.

ser desenvolvida em articulação permanente com o mesmo.

Libâneo (1999) reforça que a sociedade do século XXI possui vários espaços formativos e educacionais de caráter não formal que necessitam da presença do profissional da educação. Esclarecendo a amplitude e importância do campo pedagógico na sociedade e a diversidade de atuações de setores, há de se supor, portanto, que haja diferentes pedagogias. Logo, se há empresas, hospitais e museus, por exemplo, existem também pedagogias empresariais, hospitalares e culturais, cada uma trazendo uma metodologia que atenda a demanda específica sem perder o compromisso com a aprendizagem, pois onde houver prática educativa, haverá pedagogia. O que mudará de uma pedagogia para outra será o perfil do profissional condutor do processo, dada à peculiaridade do público ao qual atende em cada situação específica.

O pedagogo da educação não formal deve focar na aplicação de uma metodologia participativa, respeitando as diferentes opiniões, agindo de forma inclusiva e sabendo extrair novas formas de aprendizagem de maneira coletiva, entendendo o exercício de sua profissão como um fenômeno cultural, social e psíquico de produção de conhecimentos para atuar como agente da transformação em um contexto contemporâneo de um mercado cada vez mais exigente e globalizado, necessitando estar qualificado para tal, oferecendo um serviço eficiente, minimizando preconceitos e ampliando seu espaço. O pedagogo, portanto, *Stricto Sensu*, é o especialista da educação que colabora com outras ciências de cunho educativo sem necessariamente exercer o ensino. Esta percepção é mais condizente com o mercado, pois entre suas atribuições estão atividades de pesquisa, documentação, formação profissional, gestão, animação sociocultural, formação continuada e obviamente escolas, entre outros. Para Libâneo (1998) o curso de pedagogia deva preocupar-se com a formação deste tipo de profissional plural apto à sociedade atual do conhecimento.

A pedagogia, então, é entendida como a arte, a ciência e o campo profissional, cujo eixo central é a reflexão, ordenação, sistematização e crítica do processo educativo. Iremos verificar algumas áreas recorrentes da educação não formal nas quais o pedagogo atua e suas características.

A Pedagogia Hospitalar, por exemplo, é uma delas. Ela garante programas adaptados à possibilidade do enfermo, o estudo das crianças hospitalizadas, promovendo motivação e atividades. Assim, “a pedagogia hospitalar vai além do atendimento ao enfermo, assistindo também os familiares que frequentemente apresentam problemas de ordem psicoafetiva” (BRASIL, 1977). A Pedagogia Empresarial existe, para dar suporte tanto em relação à estruturação das mudanças quanto em relação à ampliação e a aquisição de conhecimento no

espaço organizacional. O Pedagogo Empresarial “promove a reconstrução de conceitos básicos, como criatividade, espírito de equipe e autonomia emocional e cognitiva” (LOPES, 2006, p. 74).

Sobre a Pedagogia Cultural, Ellsworth (2005) afirma que ela se aplica nos espaços culturais, sendo a aprendizagem nestes espaços, repleta de significações, de produção e contestação, de significados sobre culturas e conceitos de uma sociedade, tendo como foco ideais políticos inclusive. Os museus contemporâneos, com base em investimentos governamentais ou de iniciativa privada, assumem novos formatos de atuação baseados tendencialmente na economia criativa, gerando renda e produzindo ações sociais e culturais relevantes, tornando-se espaços profissionais promissores para o exercício da pedagogia cultural em termos de mercado e de interdisciplinaridade.

Embora esta relação entre museu e educação ou museu e escola seja muito antiga, as intencionalidades e os processos educativos são bem distintos mesmo que trabalhem em prol dos mesmos interesses, E que interesses são estes? Pesquisa, preservação e disseminação de conhecimentos. Possuem em sua genealogia padrões semelhantes, pois ambos eram restritos e elitistas e com o passar do tempo foram se popularizando, estabelecendo relações comunicacionais mais diretas com seu público, exercendo seu verdadeiro papel social.

Museus, educação e possibilidades pedagógicas

A palavra museu vem do latim e deriva do grego “*MOUSEION*”. Na mitologia, as Musas, filhas de Zeus, tinham a responsabilidade de guardar os bens mais preciosos da humanidade, as ciências, as artes e os tesouros. Na antiguidade, há evidências que a biblioteca de Alexandria também tinha uma espécie de museu. Na época da Renascença os nobres abriam seus castelos para exibir suas coleções a um público restrito e mais tarde tanto recebiam a escola quanto emprestavam objetos para estudos (BAKHTIN, 1987). Pode se perceber que o hábito de colecionar algo era intrínseco aos homens em toda a história, porém ainda sem sentido pedagógico ou científico.

Segundo a pesquisadora na área de educação e comunicação em museus, Paulette Macmanus (2013), é possível identificar três classificações evolutivas de museus. Os museus da Primeira Geração, como assim eram chamados no século XVIII, também conhecidos como Gabinetes de Curiosidades, serviam para guardar peças que as pessoas da elite traziam de suas viagens exploratórias pelo mundo, estas aquisições eram amontoadas sem nenhum critério. Posteriormente foram dispostas por disciplinas como história, ciências e arte. Depois passou a

abrir suas portas para pesquisadores e estudantes.

No século XIX, a Segunda Geração de museus foi chamada de Museus Industriais. Após a Segunda Guerra Mundial e a Revolução Industrial estes museus compreendiam o mundo do trabalho e dos avanços tecnológicos com um fundo de propaganda nacionalista. Foi também no século XIX que os museus surgiram no Brasil, inspirado nos moldes dos grandes museus europeus, coletando, catalogando e expondo vários elementos do mundo natural e cultural do país, com destaque para o Museu Real do Rio de Janeiro em 1808 que mais tarde foi chamado de Museu Nacional.

Já os museus de Terceira Geração emergentes no século XX, são conhecidos por Museus de Fenômenos e Conhecimentos Científicos, dispõe de exposições mais elaboradas fazendo uso de aparatos técnicos, tecnológicos e estéticos mais definidos, relacionando ambientação e recursos gráficos como forma de intensificar o olhar do público, mas foi só na metade do século XX que estes museus ganharam conotações educativas relevantes. Na contemporaneidade, os museus não estão mais centrados nas coleções em si, mas no aspecto comunicacional, atrelando a sua vocação à preservação da informação. Havia, porém uma dificuldade nesta comunicação que precisava ser resolvida, os profissionais de museus eram técnicos em arte que não estavam preparados para interagir com um público diverso. Se por um lado o professor não se sentia confortável na utilização dos museus para fins educativos, por outro os curadores não sabiam como transmitir estes conhecimentos a um público não especialista.

Foi criado assim o educativo em museus o qual teve início na Inglaterra em 1857, quando o crítico de arte Jonh Ruskin apresentou ao parlamento inglês um projeto que daria uma dimensão mais educativa aos museus para que a apresentação das obras tivesse um olhar mais crítico e não somente expositivo.

Apesar dessas várias modificações na forma de expor os objetos e de estabelecer um relacionamento com o público, foi só a partir da segunda metade do século XX que os museus passaram a ser reconhecidos formalmente como instituições intrinsecamente educativas. Essa faceta dos museus surgiu quando os serviços educativos iniciaram o atendimento específico para os diversos públicos a partir da definição de objetivos pedagógicos precisos (MARANDINO, 2003, p. 107).

De acordo com Macmanus (2013) a pedagogia em museus trabalha três aspectos em particular. O primeiro deles seria o tempo, que se traduz numa comunicação direta, breve e eficiente, selecionando as informações necessárias. Outro fator seria o objeto, estabelecendo graus de profundidade necessários para a produção do conhecimento, respeitando o

conhecimento prévio do visitante e tentando aproximá-lo através de diferentes contextos. Por fim, o espaço, pensado em sua melhor utilização, levando em conta a estrutura física da instituição e o percurso de visita. Nesse sentido, a metodologia a ser utilizada pelo pedagogo, então, opera em situação inversa ao espaço escolar. Enquanto na escola o aluno é permanente, condicionado a um referencial, tendo a palavra como preposição do aprendizado, no museu ele assume uma posição temporária, a criança não está categorizada por idade ou formação e tem o aspecto sensorial como fio condutor. É preciso considerar, portanto, que as atividades explicitamente educativas nos museus demandam um profissional qualificado, conhecedor da metodologia educativa e da didática para o ensinamento proposto por aquilo que é exposto.

Tudo o que se faz no museu tem valor educativo, mesmo na ausência de toda a intenção deliberada. A maneira de apresentar os objetos, o espírito que preside sua preparação e a postura do pessoal ao serviço ao público, a qualidade estética das instalações e do material, a apresentação gráfica assim como o texto das publicações, tudo isso pode exercer uma influência positiva e contribuir para a educação tanto quanto os serviços cuja função é esclarecer o público (MENDES, 2009, p. 42).

Valente (1995) fala que a relação entre museu e escola, mediador e professor deve ser de colaboração, coabitação, complementaridade e contradição. Na intencionalidade da produção do conhecimento o pedagogo precisa perceber, identificar e provocar o que é passível de ser apreendido entre a interação do visitante com o objeto e com o espaço, tanto nas esferas individuais quanto nas coletivas, repensando ou reinventando procedimentos, pois tanto a escola quanto os museus, em sua grande maioria, ainda se encontram fundamentados em transmissões de conhecimentos padronizados e universais legitimando relações de saberes e poderes que ainda produzem desigualdades sociais e exclusões.

Ao ir ao museu, a escola proporciona aos seus alunos o contato com objetos e a vivência de experiências que, em geral, não fazem parte do universo da escola. Os museus dispõem de recursos físicos e humanos que permitem a construção de ambientes em que o aluno experimenta, em contexto, aspectos concretos de conceitos científicos. Através do ensaio e manipulação de modelos envolvendo quer esse conceito quer as suas aplicações tecnológicas, os alunos encetam estratégias de pesquisa pessoal das quais resulta melhor compreensão. Objetos cotidianos são vistos sob novos prismas e objetos fascinantes que fazem parte do imaginário do jovem, como por exemplo, a cabina de pilotagem de um avião a jacto pode tornar-se acessíveis. Ao viverem estas experiências os alunos apercebem-se das relações estreitas que existem entre a ciência e a tecnologia e das implicações que ambas exercem sobre a vida do dia-a-dia (CHAGAS, 2003, p. 12).

Em ambientes museais é preciso ter a consciência da riqueza e multidisciplinaridade

que são necessitadas ao atendimento a públicos com perfis tão diversos. Cabe ao pedagogo identificá-los para uma elaboração de um projeto eficiente que supra as necessidades dos visitantes e provoque sua expectativa. O museu é um lugar plural que atende a um público com faixas etárias, formações e classes sociais diferenciadas com objetivos tão diferenciados quanto. O pedagogo precisa ter um olhar diferenciado para criar uma proposta educativa que abarque e reverbere a intencionalidade da educação, o entretenimento e a convivência.

Em uma pesquisa ao Guia do Rio, editada pela Riotur em 1997, constata-se que 54% dos museus no Brasil possuem práticas educativas. O público escolar, figura como a grande porcentagem do quantitativo que visita os museus. A outra metade se divide em público familiar, que possui uma característica bem heterogênea com vários perfis culturais, faixa etária e classe social; O público especializado composto de artistas, intelectuais, políticos, empresários, entre outros, que exige um conhecimento mais acadêmico propondo a utilização do espaço como lugar para palestras e seminários; O público da terceira idade também tem uma participação relevante, interessado muitas vezes em convivência social e lazer; O público de pessoas com deficiência que é um público novo para os museus e traz em si um desafio na questão da acessibilidade espacial e comunicacional; só pra citar alguns dos principais grupos.

A política Nacional de Museus foi criada em 2004, através do Sistema Brasileiro de Museus (SBM) que apoia o fortalecimento de sistemas regionais, estaduais e municipais. Em 2006 o (SBM) desenvolveu o Cadastro Nacional de Museus e o Observatório Nacional de Museus e Centros Culturais. O estatuto dos museus (Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009), em seu artigo 1º, cita os museus como espaços de educação, mas não remete ao perfil do profissional apto a trabalhar neste tipo de espaço. Conseqüentemente há significativa carência de profissionais da educação qualificados para ambientes museais dada a falta de reserva de mercado para a área em específico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fazer pedagógico no Museu Memorial da Justiça na cidade de Recife – PE

Os dados de pesquisa aqui a serem discutidos estão sintetizados a partir de três categorias analíticas. Primeiramente apresentaremos o perfil e a carreira da agente pedagógica que trabalha no lócus de pesquisa, depois descreveremos os trabalhos desenvolvidos no espaço museológico em evidência para, por fim, analisar as contribuições e as dificuldades da atuação de um profissional de pedagogia nesses espaços.

Perfil e carreira

Os processos pedagógicos necessitam de mediadores, independentes do espaço onde ocorram tais processos. Para o caso em análise o mediador sujeito de pesquisa trata-se de uma analista pedagoga há dois anos responsável pelo núcleo do educativo no Museu Memorial da Justiça cuja mantenedora é o Tribunal do Judiciário no qual a integrou mediante concurso público.

Ela iniciou sua vida acadêmica na Europa, cidade de Portugal, sendo graduada em Jornalismo e possui o curso técnico em Museologia e Patrimônio Cultural. No Brasil, se graduou em Pedagogia pelo ensino à distância e atualmente divide seu tempo entre uma pós em Educação e Ludicidade e um curso de Libras. Trabalhou anteriormente no Museu da Cidade do Recife na coordenação de conteúdo trabalhando no setor de museologia, acervo, conservação e restauro.

Passou em seguida a integrar a coordenação geral de museus da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - FUNDARPE, na parte administrativa de projetos e foi diretora administrativa da Organização Não Governamental responsável pelo Fórum de Museus em Pernambuco.

Segunda ela, desde o início de sua carreira profissional, demonstrou afinidade com os processos pedagógicos e se interessava pelas atividades educativas em museus, tanto que em seu trabalho de conclusão de curso em Museologia defendeu o trabalho “O Museu vai à Escola”. Porém, afirma que inicialmente teve dificuldade em trabalhar na área educativa, pois as necessidades dos museus do estado e das secretarias culturais necessitavam mais de suas outras formações.

...Quando vim para o Brasil, tentei trabalhar em educativo, mas como eu tinha formação de Museólogo..., e agente sabe que nossos museus, eles tem uma carência enorme de museólogos, pessoas que coordenem projetos de documentação, de acervo, de conservação, de restauro, eu não consegui logo fazer isso...

Concluído o curso de Pedagogia, através do ensino à distância, foi convencida por amigos próximos a tentar o concurso para Analista Pedagoga onde poderia atuar na parte pedagógica da Vara da Infância e Adolescência no acompanhamento dos processos e das medidas sócio educativas.

... Agente podia escolher mais ou menos, a vara que queria ir, naturalmente que o Memorial não tava muito nos planos deles (risos), mas o que eu

coloquei que eu tinha uma formação também na área de museu e o tribunal em ter um espaço cultural... Eu estando aqui, eu ia dar um serviço muito mais consistente, uma contribuição muito mais consistente ao Memorial do que uma vara...

Trabalho Desenvolvido

A profissional em questão tem uma rotina ligada ao núcleo do educativo, mas exerce outras funções que complementa e assegura a funcionalidade das ações em geral do Memorial da Justiça. É responsável pelo conteúdo, metodologia e aplicabilidade das atividades do educativo e da concepção do material expográfico, tendo a preocupação de conectar as práticas pedagógicas com a temática do judiciário. Participa ativamente da aplicação das atividades e considera de suma importância o momento avaliativo.

...Coordenar é traçar um planejamento e dizer assim, olha essa atividade é boa, é você aplicando, porque eu só vou saber o feedback dos outros se eu tiver ali com eles... Essas avaliações determinam o melhoramento e o aprimoramento do serviço, como no caso do jogo Fica à Dica, de perguntas e respostas envolvendo história geral, o conteúdo da exposição e temas do judiciário que é aplicado na visita mediada ao público escolar, que graças à sensibilidade da profissional e seu know-how em educação, o jogo sofreu uma intervenção ficando com um caráter menos competitivo e mais colaborativo...

Uma demanda importante, em sua opinião, é a escolha da equipe, revelando ser bastante criteriosa, porque o produto oferecido ao público espelha os profissionais que a produziram, tanto do educador ou estagiário quanto do profissional contratado para ministrar oficinas e palestras que compõe a programação cultural do espaço e estão sob sua coordenação...

Eu às vezes pra uma oficina, eu converso com oito, nove arte educadores até bater o martelo... É uma dificuldade enorme você fazer uma seleção de um arte-educador pra isso, porque às vezes você tem uma pessoa que é fantástica... Ele é um profissional, mas não quer dizer que ele saiba lidar com uma criança ou com um adolescente ou até com um adulto...

Para que a equipe tenha o perfil desejado, tenta mapear pessoas que tenham certa experiência com ensino aprendizagem, ou seja, dá preferência a professores que também são arte-educadores.

A importância de se ter uma equipe preparada recai na necessidade de conquistar e receber um público cada vez mais diverso. O Memorial atende ao público acadêmico em sua

maioria no Centro de Documentação e Pesquisa. Na parte expositiva e das oficinas, atua o educativo que lida diretamente com o público escolar. Quanto aos eventos como palestras e seminários se tem o trabalho de buscar agregar profissionais de todas as áreas especialmente das áreas sociais e humanas.

Embora não tenha em vista um público alvo específico, a profissional reconhece que os visitantes de escola pública são maioria e de certa forma acabam sendo prioridade dada a “grande carência” desse tipo de público.

O público que mais tem carência disso são exatamente essas crianças, futuros jovens e adultos que quando precisarem da justiça teria menos informação, elas passam, a saber, exatamente o que é a justiça, porque a informação às vezes está um pouco distante dessas pessoas...

Para isso, desenvolve ações na área de comunicação institucional e publicidade, buscando parcerias para o fortalecimento do Memorial da Justiça enquanto espaço pedagógico. Tentou no início de sua gestão contatos junto a diretores e coordenadores de escolas, trabalhou ativamente na divulgação do espaço através da Gerência Regional da Educação do Recife- GERE, inclusive disponibilizando o micro ônibus do Tribunal para trazer as instituições que tenham dificuldade de transporte. Toda essa mobilização, segundo ela, surtiu efeito, aumentando o quantitativo de público no espaço - “...Hoje, já são os professores que nos procuram então, eu fico muito feliz com isso, pra querer fazer visitas, mas a gente ainda tem um longo caminho a percorrer, a gente ainda está na luta...”.

Atualmente, possui parcerias com a Secretária da Mulher para formações envolvendo temas transversais como gênero, raça e acessibilidade, além de sensibilizar o Ministério Público e a Secretária de Educação do Estado para conseguir cursos para a equipe que coordena. Apesar de reconhecer que seu trabalho como pedagoga propiciou a realização dessas atividades, não descarta a contribuição de suas outras formações no processo e a importância de interagir com profissionais de outras áreas.

... O pedagogo é que vai lançar tudo isso, claro que ele tem que fazer isso em interface com os outros profissionais da casa.... Tem que dialogar com o museólogo, com a diretoria, com outras pessoas do museu, mas se você não tiver a figura do pedagogo não vai conseguir... A instituição não vai conseguir...

Dificuldades e Contribuições

A pesquisada, ao longo de sua vida profissional, destaca algumas ações

interdisciplinares envolvendo comunicação, administração e museologia que sem a intencionalidade, metodologia e o fazer pedagógico, admite que não seria possível, atividades estas, que serviram de referência ou de desdobramento para práticas consideradas casuais atualmente. Ainda no Museu da Cidade do Recife, teve uma ideia, após pesquisar sobre o tempo e ritmo cognitivo da criança, de fazer um vídeo institucional com caráter lúdico na intenção de divulgar e atrair o público infantil para o museu. Outro projeto pioneiro, direcionado para a população em geral, tinha a proposta de conhecer os museus da cidade do Recife, legitimando-os como espaço público de lazer e produção de conhecimento. Em termos práticos, o projeto consistia em levar as pessoas de ônibus para visitar os principais museus da cidade.

... Essa ação foi realizada enquanto atuava no Fórum dos Museus em Pernambuco.... Não existe mais o projeto; até porque nossa ideia era que o poder público pegasse, porque uma ONG tem uma hora que não consegue mais porque o negócio ia aumentando...

No Museu Memorial da Justiça, as atuações puderam ser mais centradas nos contextos educativos a partir do exercício oficial da atividade de pedagoga, intensificando conteúdos relativos a temas transversais de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, como também o apoio de segmentos da sociedade ligados a educação, com o objetivo, segundo a entrevistada, “*da educação se especializar dentro do espaço de cultura...*”.

Um segmento de bastante interesse em seu trabalho é o recorte da acessibilidade nos conteúdos de Ética e Cidadania, participando, entre outras ações, da criação de um curso em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco que trata de barreiras atitudinais e métodos de interação com pessoas que tem deficiência visual, auditiva e transtorno do Espectro Autista. Este curso é voltado para os profissionais de museus que cada vez mais recebe este público, muitas vezes sem estar devidamente preparado. Recentemente conseguiu uma maquete tátil do prédio do Memorial através do Funcultura e integra a equipe do fórum permanente de museus acessíveis promovendo encontros e lançamentos de livros.

Estas ações, no entanto, não ocorrem sem empecilhos. Identifica o excesso de burocracia como o elemento principal que atrapalha a realização ou muitas vezes a não realização das atividades como a demora do repasse do investimento.

... Porque a pedagogia tem um lado de subjetividade, mas não dá pra você explicar pra pessoa da licitação que tem a subjetividade, então, você tem que tentar prever algumas coisas [...] A gente tem que ter um plano B,

porque o meu público não vai ficar esperando que eu consiga ganhar uma licitação ou um edital...

A burocracia afeta de modo negativo não só a logística na aquisição de material como também o corpo do educativo quanto ao número de profissionais, a permanência deles e os processos de contratação. Segundo ela, “*Você tem que se ordenar com isso, porque, por exemplo, eu tinha cinco, agora tem um, talvez eu consiga ter três... Isso é um problema que assola todas as instituições culturais...*”.

Entretanto, a pedagoga revela que, na sua percepção, a criatividade e sabedoria adquirida na prática pedagógica são poderosos instrumentos para se ultrapassar estes obstáculos. Eles se expressam sob a ótica do planejamento com um ano de antecedência prevendo as ações de acordo com o calendário cultural, e a programação do museu, por exemplo, e até mesmo na adaptação do material que já existe.

Quanto à dificuldade da inserção de pedagogos nos museus ou outros ambientes não formais de ensino, admite que exista certo preconceito de outras áreas disciplinares inclusive museologia, que remete historicamente a figura do pedagogo como “*aquela pessoa que fica com a criancinha...*”. E afirma ainda que o curso de Pedagogia não prepara para a demanda atual da sociedade nem para a prática educativa nos ambientes de educação não formal, estigmatizando e limitando sua atuação nas instituições educacionais de ensino.

...Ele (o Curso) prepara pra você ser um teórico, pra você ser um pesquisador, mas ele não te prepara pro mercado de trabalho, você tem que acompanhar esse momento da sociedade, e ela vai mudando, então você tem que ir se adaptando a isso aí [...] Nesses últimos momentos, eles (estudantes de pedagogia), vêm com uma sede muito grande de mudança, então eles não se deixam abater pela deficiência do curso né. Mas é claro que se o curso fosse diferente, melhoraria isso...

Apesar de toda a dificuldade, da falta de direcionamento acadêmico, das barreiras atitudinais e intempéries características, a profissional entrevistada se diz esperançosa e acredita no empoderamento da classe.

... Agente vive numa sociedade que não tem a cultura como uma ferramenta pra educação, mas eu entendi que havia uma necessidade muito grande da educação se especializar dentro do espaço de cultura... O pedagogo é o profissional que vai criar ações educativas dentro de qualquer espaço, dentro de qualquer espaço!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se de forma geral que a presença do pedagogo em espaços não formais com um olhar sobre sua atuação em museus é relativamente nova, repleta de problemáticas e especificidades ainda equivocadas e desconhecidas comprovadas pela pouca literatura existente sobre o assunto e pela falta de profissionais atuantes no qual referenciar.

Por um lado há um estranhamento e até certo preconceito no ambiente de museus, regido por uma atitude protecionista à profissionais de formação disciplinar em História, Turismo e Museologia. Por outro, há certa alienação dos futuros ou atuais pedagogos sobre seu campo de atuação e posicionamento social inclusive nas instituições formais de ensino. Isso chega a ser irônico devido ao fato de ambos (museu e escola) serem historicamente complementares e semelhantes em lutas, principalmente por terem de insumo a mesma intencionalidade, porém com metodologias diferenciadas.

Embora atue em consonância com o fazer pedagógico, fica claro que as outras formações da pesquisada interagem e contribuem enriquecendo sua *práxis*, expandindo de forma multidimensional seus objetivos, ao dialogar com a tecnologia, técnicas comunicacionais e de propaganda, além da uma formação específica que possibilitou a consciência do perfil mercadológico, logístico e das carências inerentes ao setor. Isso leva à reflexão sobre a revisão da grade curricular dos cursos de pedagogia que poderia apontar perspectivas profissionais mais diversificadas considerando que a instituição escolar não é o único lugar em que ocorre ensino-aprendizagem ou produção de conhecimentos.

Entende-se também que o profissional não deva se acomodar ou esperar que o curso supra todas as necessidades, o que seria impossível diante da diversidade de propostas. O pedagogo deveria investir em permanente formação continuada como forma de agregar valores e legitimar sua prática em qualquer lugar em que haja intencionalidade educativa.

Na prática, os museus são espaços interdisciplinares ricos em possibilidades educativas, cabe ao pedagogo ver esta possibilidade. Considerando que os museus possuem uma equipe mediadora, materiais pedagógicos e atividades educativas e sobrevivem sem o pedagogo, então, qual é seu verdadeiro diferencial? Está não somente na forma, mas essencialmente no processo avaliativo, podendo transformar atividades meramente recreativas em uma experiência cognitiva, sensorial, emocional e até mesmo física, estabelecendo a melhoria da comunicação com o público, conseqüentemente contribuindo para a popularização dos museus e aumentando a oferta de serviço dos profissionais do campo da Pedagogia.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.
- ARRUDA, J. J. A.; PILETTI, N. **Toda a História**. São Paulo: Ática, 1996.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL, Consolidação da Lei que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, Decreto - Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.
- BRASIL, Consolidação das leis do Império do Brasil, Decreto - Lei nº 234, 25 de Março de 1824.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Definições e Normas das instituições e serviços de saúde. Diário Oficial da União de Seção I, Parte I, 1977.
- CHAGAS, C. S. **Arte e Educação**. Londrina, 2009.
- ELLSWORTH. E, **Places of Learning: Media, Architecture, Pedagogy**. 2ªed. traduzido, Editora Routledge, 2005.
- FALCON, Francisco. **A Época Pombalina**. São Paulo: Editora Ática, 1982.
- FRANCO, M. A. S. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. **O que é pedagogia?** 2005. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/31343912/Paulo-Ghirdelli-O-que-e-Pedagogia#scribd>. Acesso em: 07 de novembro 2015. .
- GONH, M. G. Educação não formal na pedagogia social. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, I, 2006, **Anais**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext. Acesso em: 09 de outubro de 2015.
- HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1973.

KRAMER, Sônia. Privação Cultural e Educação Compensatória: Uma análise crítica. **Caderno de Pesquisa**, n. 42, São Paulo, p 54-62, 1982.

LIBÂNEO, J. C. Que destino os educadores darão à pedagogia? In: PIMENTA, S. G. (Coord.). **Pedagogia, ciência da educação?** São Paulo: Cortez, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

LOPES, Izolda; TRINDADE, Ana Beatriz; CANDINHA, Márcia Alvim (Orgs.) **Pedagogia Empresarial: formas e contextos de atuação.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.

MACMANUS, P. **Educação em Museus: pesquisa e prática.** São Paulo: FEUSP, 2013.

MARANDINO, M. **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo: Ed. Geenf, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 1986.

MENDES, J, A. **Estudos do patrimônio: museus e educação.** Coimbra: Editora Impressa da Universidade de Coimbra, 2009.

VALENTE, E. M. **Educação em museu: o público de hoje no museu de ontem.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de educação da PUC/RJ. Rio de Janeiro, 1995.

VEIGA, C. G. **História da Educação.** São Paulo: Ática, 2007.

YIN, Robert K. **Estudos de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2001.